



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 59

Gregos e alagoanos

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

O escritório da Novelo fica bem no coração de Copacabana. O que, se você for pensar, é um dos piores lugares possíveis pra se fazer podcast. Porque é barulho o tempo todo – e barulhos dos mais variados.

Tem dia que dá pra gravar locução no escritório. E tem dia que, depois de esperar mais de 90 minutos uma porta de garagem parar de apitar, a gente joga a toalha e vai gravar em casa embaixo do cobertor.

Tem muita gente que acha essa barulheira opressiva. E dá pra entender – é um tipo de estresse sonoro, mesmo.

Mas quando a gente pensa no avesso disso, dá pra valorizar um pouco o ruído branco do trânsito infinito da Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

Uma cidade sem som – sem trânsito, sem gritaria, sem porta de garagem, sem makita, sem carro do ferro velho – uma cidade sem som é uma cidade sem vida.

E nossa história de hoje começa num lugar assim.

Quem vai contar pra gente é a Évelin Argenta.

Évelin Argenta: Eu nunca presenciei um bombardeio. O máximo que eu cheguei perto de um cenário de guerra foi pela tela do cinema ou da TV.

E o que me sempre me causa um desconforto - parecido com uma tristeza, até - não são só as cenas de soldados atirando, ou dos tanques entrando nas cidades.

Sempre me choca muito o vazio que a guerra deixa. As ruas – que pouco tempo antes tavam cheias de vida, de gente andando pra lá e pra cá, de barulho de trânsito, de comércio, de conversa ficam vazias. Empoeiradas. Em ruínas. Paredes aos pedaços. Portas que não dão mais pra lugar nenhum. Janelas que não servem pra ver mais nada. Aquelas dezenas, centenas, milhares de histórias interrompidas.

O mais perto que eu tive de tá num cenário desses foi quando eu tive em Maceió em 2022.

Évelin Argenta no carro de aplicativo:

Waze: Vire à direita Rua Barão José Miguel.

Évelin Argenta: Eu tinha ido pra Alagoas pra apurar outra história, que não tem nada a ver com a história que eu vou contar aqui

Évelin Argenta no carro de aplicativo:

Évelin Argenta: É deve ser esse prédio aqui da esquina. Esse mesmo.

Évelin Argenta: Só que quando eu cheguei em Maceió, o assunto era outro e eu não podia ignorar

Évelin Argenta no carro de aplicativo:

Évelin Argenta: Bom dia, tudo bem com o senhor? Eu vim falar com o Dirceu. Acho que ele tá esperando.

Évelin Argenta: O Dirceu, que tava me esperando, era o Dirceu Buarque. Eu tinha visto o nome dele em algumas reportagens locais desde que eu tinha chegado em Maceió. E eu entendi que ele era a pessoa certa pra me guiar por aquele cenário de guerra.

Évelin Argenta: Gente, é um bairro fantasma, né?

Dirceu Buarque: Fantasma, um bairro fantasma. Não existe... agora isso aqui à noite não tem mais energia. Já cortaram tudo.

Évelin Argenta: Eu gravei essa conversa com o Dirceu em junho de 2022. Tinha só seis meses que ele e a família dele tinham fechado a fonte do ganha pão deles. Mas ele lembra do momento exato em que as coisas começaram a ruir: foi na tarde do dia 3 de março de 2018.

Dirceu Buarque: Eu estava no hall fumando, brincando lá com a minha cachorrinha. Quando eu entrei no apartamento, a minha filha estava aperreada. "O que foi que houve?" "Eu senti o sofá tremer". Eu disse: "História, menina. Deve ser impressão sua, uma crisezinha de labirintite, sei lá o que". E aí o telefone tocou. Era o meu irmão que mora próximo disse: "Rapaz, você viu o tremor?" Digo: "Tremor de que, rapaz? Que tremor, que coisa nenhuma". Ele disse: "Tá todo mundo aqui na rua". Aí eu fui pra janela do prédio e vi o pessoal saindo, todo mundo comentando, todo mundo aperreado na rua, aquela coisa assim, uma cena... Aí imediatamente tirei a minha mulher de dentro do apartamento de minha filha e avisei a minha sogra pra que ela descesse também.

Évelin Argenta: Esse tremor, que algumas pessoas sentiram, outras não, foi um sismo considerado "muito pequeno": 2.4 graus na Escala Richter.

Dirceu Buarque: E aí começou a se criar uma expectativa de que aquilo ali... e aí começou a aparecer as rachaduras das casas.

Évelin Argenta: Já depois desse tremor.

Dirceu Buarque: Depois do tremor, as rachaduras. E aí começou os comentários de que as casas estavam rachando, que fazia cair prédios com rachaduras. Os prédios recém construídos com rachaduras enormes. E aí começou todo esse drama.

Évelin Argenta: E dava pra ver esse drama andando ali por aquelas ruas desertas.

Dirceu Buarque: A área é muito grande. E aí eles fazem essas peças aí, tá vendo? "Posto de acolhimento rápido", tal, onde você teria que se unir para escapar.

Évelin Argenta: Ah, já tem até essa marcação das ruas...

Dirceu Buarque: "Rota de fuga". Tem tudo aqui. Se você vê ali naquele poste tem "rota de fuga", muita, muita coisa. Ó, "rota de fuga". Tá vendo?

Évelin Argenta: Essas placas de "ponto de encontro", "posto de acolhimento", "rota de fuga"... elas são comuns em lugares em que tem terremoto, tipo Cidade do México, Tóquio, Beirute... cidades que foram construídas em cima de falhas geológicas. Que não é o caso de Maceió. As falhas no subsolo, ali, são de outra natureza.

Dirceu Buarque: Mas, olha, as pessoas passam por aqui vendo o negócio de "rota de fuga", câmara de segurança, bombeiro aqui o dia todo, a Defesa Civil rodando por aqui... Quer dizer, claro que qualquer um fica com medo, né? E isso quando estava ainda tendo para as residências ainda aqui atrás, o pessoal pedia um Uber, pedia um táxi e ninguém queria vir. Existem bairros isolados aí, que tão praticamente isolados.

Évelin Argenta: O Dirceu me levou pra ver o cenário de todo dia dele e da família dele. Até pouco tempo atrás, a rotina deles era: acordar bem cedinho pra preparar a massa, esquentar o forno, enrolar os pães... e abrir as portas da padaria Belo Horizonte, no bairro do Pinheiro.

Dirceu Buarque: E aqui foi a vida, ó... 42 anos...

Évelin Argenta: 42 anos ali. Nessa hora, o Dirceu tava fora do carro, de pé, do lado de um prédio abandonado. Numa das portas fechadas, me chamou a atenção uma foto imensa da família dele – que trabalhava ali todo dia – em tamanho natural, colada estilo lambe-lambe, sabe?

As casas vizinhas tão do mesmo jeito: fechadas, lacradas, vazias. Ele, na verdade, foi um dos últimos a sair. Num bairro fantasma, o Dirceu viu o faturamento cair 60%... ficou sem clientes, teve que demitir todos os funcionários, pagar a dívidas trabalhistas... Ele realmente não tinha o que fazer e foi obrigado a vender o imóvel.

Dirceu Buarque: O meu estabelecimento ainda tá lá, intacto, porque – intacto, não. Se você entrar, está totalmente destruído, mas aparentemente ele está intacto. Porque ainda tem alguns equipamentos lá dentro, aquela coisa toda.

Évelin Argenta: E você tem alguém fazendo segurança lá pra ninguém levar?

Dirceu Buarque: Não. Eles hoje aqui fazem a segurança, porque como eu já negocieei o imóvel... inclusive há um mês, dois meses atrás, eu fui avisado por um vizinho que estavam invadindo a padaria. Levaram muita coisa minha, entendeu? É um drama, é um drama! Quem tem uma casa aqui e não desocupou rápido, os vândalos vêm e tiram a porta, tiram a louça sanitária.

Évelin Argenta: Às vezes, vândalos. Mas na maior parte dos casos, foram os próprios moradores que “depenaram” as casas pra vender as esquadrias de metal, a louça sanitária, os azulejos, as telhas, os tijolos. Qualquer coisa que pudesse render um pouco de dinheiro antes da casa ser fechada e tomada pelos novos donos.

E o Dirceu já vendeu o prédio da padaria, sabendo que ele ia virar ruína. É que os novos donos não têm nenhum interesse em fazer ela voltar a funcionar.

Até porque os novos donos da padaria - e do bairro inteiro do Dirceu - são uma indústria petroquímica.

Dirceu Buarque: Aquilo ali é a segurança da Braskem. Tá vendo? Esse pessoal aí que faz. Porque na própria hora que o imóvel é passado pra eles, eles já tomam posse, e daí eles já ficam fazendo a segurança desse imóvel.

Évelin Argenta: Se você tem acompanhado minimamente o noticiário recente, você já deve saber. Mas, de qualquer jeito, eu te conto: a Braskem é uma das maiores indústrias petroquímicas do mundo. Ela produz plástico e insumos químicos, como cloro e soda.

Em Alagoas, ela tem duas unidades industriais: a que fica em Maceió produz PVC e soda cáustica. Só que em Maceió, além de PVC e de soda cáustica, a Braskem também tá produzindo outra coisa: a maior tragédia socioambiental urbana do mundo: o afundamento de 5 bairros inteiros.

E lá em Maceió, eu percebi que era uma história gigantesca, que demandava uma dedicação à altura... e eu, que tava no meio de uma outra apuração grande não podia largar tudo pra mergulhar em mais uma história.

Mas é claro que, mesmo depois de voltar pra redação, no Rio, o caso da Braskem não saiu da minha cabeça e do meu radar. E daí, eu busquei uma fonte de outras histórias. Uma fonte que conhece bem Maceió, o Guilherme.

Guilherme César: Eu sou Guilherme César, trabalho com documentário há 20 anos.

Évelin Argenta: O Guilherme tem sotaque paulistano, mas ele é nordestino, de família alagoana.

Guilherme César: Eu me criei em São Paulo, passando longos períodos em Alagoas. Minha família é toda de Alagoas. A gente ia todos os anos de ônibus. Era uma viagem de 48 horas...

Évelin Argenta: E Alagoas nunca saiu do foco das investigações dele.

Guilherme César: Tentar descortinar os crimes de Estado, há uma elite provinciana e cruel. E eclode aí o caso da Braskem. E sempre a gente conhece alguém que conhece alguém que trabalha na Braskem, mas curiosamente é uma empresa também, que eu acho que estrategicamente também quis ficar o mais invisível possível.

Évelin Argenta: A Braskem já tava no radar do Guilherme. Mas, quando a terra tremeu em 2018, ele teve uma razão mais pessoal ainda pra se envolver nessa história.

Guilherme César: E quando esse meu amigo afetado diretamente que a sua família que morava no Pinheiro é atravessado por essa história...

Évelin Argenta: O amigo do Guilherme que morava no bairro do Pinheiro e que foi afetado pelo tremor era o Octávio Lemos – que também tava nessa conversa.

Octávio Lemos: Eu sou Octávio, sou produtor, diretor de cinema, e tenho uma produtora, a Caranto Mídia, junto com o Gui, aqui em Maceió. E desde 2018 eu faço o documentário "Histórias do Subsolo", que começou quando teve o primeiro abalo lá no Pinheiro, onde a minha família morava, né?

Évelin Argenta: Não era só que o Octávio morava no bairro do Pinheiro. A família dele morava há gerações no bairro do Pinheiro. E ajudou ele a mapear os entrevistados pro documentário deles, o "Histórias do Subsolo". E, de largada, tinha um entrevistado que não podia ficar de fora.

Octávio Lemos: O senhor participou de algum protesto contra essa duplicação?

Zé Geraldo: Participei de vários, inclusive aquele que ficou famoso, que foi da Praça do Centenário.

Octávio Lemos: O senhor lembra quem estava lá?

Zé Geraldo: Sua mãe, não era?

Évelin Argenta: Esse é um trechinho da entrevista que o Octávio fez com o entrevistado central do documentário deles: o ecologista José Geraldo Marques. O Guilherme e o Octávio compartilharam comigo todas as gravações que eles fizeram com o Zé Geraldo entre 2018 e 2021. E eu confesso que, quando eu ouvi esse trechinho, eu até levei um susto.

Évelin Argenta: Fala assim: "Ah, você lembra quem tava lá?" Ele fala: "A sua mãe". Aí na hora eu dei um pause e falei: "Gente, que desaforado, tá xingando o menino... 'A sua mãe'". Aí eu pensei: "Ah, não, talvez, sim, a mãe dele estivesse lá".

Octávio Lemos: Eu achava que ele não ia lembrar, porque a minha mãe me falou, e aí eu não falei nada para ele. Eu cheguei na entrevista e falei dele, e aí ele falou, cara. O Zé Geraldo, lá atrás, foi o cara que bateu o pé para não se implantar e anos e anos depois ele foi expulso de casa. Expulso literalmente, assim. Porque ele não queria sair.

Évelin Argenta: O Zé Geraldo é a figura perfeita pra contar essa história porque ele é praticamente onipresente nesse emaranhado de Maceió com a Braskem. O primeiro paralelo que me veio à cabeça, quando eu ouvi falar dele, era com o Forrest Gump: aquele que testemunhou tudo. Mas depois de ouvir as seis horas de entrevistas com ele, eu me dei conta de que o paralelo perfeito era com um personagem muito mais antigo.

Évelin Argenta: É muito doido, porque agora, que tu tava falando, eu fiquei pensando no Geraldo, na Cassandra e é meio que um cavalo de Troia a Braskem, mesmo, porque ela chega como um presente...

Évelin Argenta: Segundo a mitologia grega, a Cassandra era uma profetisa na cidade de Troia. A gente costuma achar que prever o futuro é um dom, uma coisa boa. Ter visão, sabe? Mas os gregos sabiam que a coisa era mais complexa do que isso. E quando a Cassandra ganhou o poder de ver o futuro, isso veio com um castigo. Qualquer coisa que ela contasse sobre o futuro, por mais que fosse verdadeira, ninguém ia acreditar.

Imagina só uma vida inteira avisando sobre tudo que vai dar merda, e ninguém dando bola. É a receita para enlouquecer gregos e troianos, né? Bom, foi isso que aconteceu na Guerra de Troia. A Cassandra – que tava do lado dos troianos – avisou que não era pra ir provocar os gregos, que isso ia dar ruim. Não adiantou. Os troianos foram lá, raptaram a Helena, e os gregos vieram e sitiaram a cidade.

Quando apareceu um belo cavalo de madeira ali nas portas da cidade, a Cassandra avisou que aquilo não era presente, que era cilada. De novo, ninguém ouviu. Levaram o cavalo pra dentro. Dentro do cavalo, tavam os soldados gregos. E foi assim que Troia caiu. E foi assim que "Cassandra" virou uma referência para aquele personagem do profeta que é ignorado.

O Zé Geraldo Marques é a perfeita Cassandra de Maceió.

José Geraldo Marques: Meu nome completo é José Geraldo Wanderley Marques. Eu sou alagoano de Santana do Ipanema. Eu vivi boa parte do meu tempo, da minha vida aqui em Maceió, onde fui o primeiro responsável por um órgão estadual de meio ambiente.

Évelin Argenta: O ecologista Zé Geraldo Marques foi o primeiro Secretário de Controle de Poluição do estado de Alagoas – o equivalente a um secretário de Meio Ambiente, só que numa época em que nem existia uma Política Nacional de Meio Ambiente no Brasil.

José Geraldo Marques: Só que o meu sonho sempre foi... e eu queria ser Darwin. E em Recife, na época, era o único lugar do Nordeste que tinha os chamados cursos de História Natural. Então, era uma coisa muito próxima daquilo que Charles Darwin tinha feito, não é?

Évelin Argenta: O sonho do Zé Geraldo era seguir os passos do naturalista inglês Charles Darwin – aquele que foi chamado de maluco e desacreditado pela Igreja por dizer que não, o homem não brotou prontinho na Terra mandado por Deus no sexto dia da criação... e, sim, foi fruto da evolução das espécies. Seguindo os passos do

colega inglês, o Zé Geraldo afrontou o pai e se recusou a ir pra faculdade de medicina.

Zé Geraldo Marques: Não era o que eu queria fazer. Com isso eu tenho certeza que eu salvei muita gente. [risos]

Évelin Argenta: Só que – ironia do destino – foi, justamente, o pai – um político de direita que queria um filho médico – que deu pro Zé Geraldo o primeiro livro que ele leu sobre o Darwin.

Zé Geraldo Marques: Sem saber, ele me deu um livro de presente nesse ano de formação – não sei como ele recebeu essa luz – que contava a história de Darwin. É "O Homem, o Tempo e os Fósseis", de Ruth Moore. É um livro que eu tenho até hoje. E aí eu me entusiasmei.

Évelin Argenta: O pai do Zé Geraldo foi prefeito de Santana de Ipanema, e era um político influente nos anos 1970. Influente no nível de ser amigo pessoal do governador do estado, o Divaldo Suruagy.

José Geraldo Marques: O governador Divaldo Suruagy, ele estava muito entusiasmado com o espírito da época. Ele tinha o espírito da época. Ele sabia que era a hora da ecologia, embora não entendesse muito bem o que era. Muito menos meu pai, porque eles eram do mesmo partido. Eram da Arena, não é?

Évelin Argenta: Arena, o partido de sustentação da ditadura militar. Que tava muito interessada na industrialização dos estados do nordeste na década de 70.

Zé Geraldo Marques: Pois bem, eu vim pra conversar com o Divaldo. Ele me recebeu muito bem. Então ele me disse assim: "Olhe, eu vou realmente tratar na minha agenda de dar prioridade para os problemas ambientais de Alagoas", que eram e são sumamente graves. Tinha chegado a hora. Ele disse: "Agora, eu não posso criar agora uma secretaria do Meio Ambiente, tá? Mas já existe, está criada e publicada no Diário Oficial, uma secretaria que se chama Secretaria Executiva de Controle da Poluição. Eu queria que você assumisse."

Évelin Argenta: E talvez o Suruagy não soubesse bem que tipo de pessoa era o Zé Geraldo. Talvez ele tivesse só querendo fazer um favor pra um amigo político, que ia poder retribuir esse favor depois. Mas o Zé Geraldo é o tipo de pessoa que leva o trabalho bem a sério.

José Geraldo Marques: Aí eu vim com a ideia do pólo ecológico.

Évelin Argenta: Um pólo ecológico. Uma área pra ser priorizada pelos investimentos do governo, que, além de proteger o ecossistema, ia servir pra educação, turismo ecológico, pesquisas...

José Geraldo Marques: Vocês sabem que não foi, não deu certo. Ao contrário, ao invés de consolidar um pólo ecológico, consolidou um pólo cloroquímico, altamente poluidor e degradador do meio ambiente, não é?

Évelin Argenta: A instalação do Pólo Cloroquímico foi a última etapa de um processo que começou muito tempo antes – no começo dos anos 1940 – quando uma imensa reserva de sal-gema foi descoberta por acaso no subsolo de Maceió. Mas essa é a única casualidade, o único "acidente", digamos assim, dessa história.

Na época, o Conselho Nacional do Petróleo tava em busca de... bem... de petróleo. Só que quando as sondas perfuraram o solo, elas não acharam petróleo. Elas encontraram esse minério – que, nos anos 40, não despertou lá muito interesse. Mas a descoberta desse sal fez brilhar o olho de um cara: um empresário baiano chamado Euvaldo Luz.

O Euvaldo era dono da oficina mecânica que fazia o reparo das sondas. Quando ele viu que tinha resto de sal-gema nos aparelhos, ele falou: "Peraí que esse negócio tem valor". Aí ele foi atrás de uma autorização do governo federal pra explorar aquilo. Mas ele só conseguiu essa autorização duas décadas mais tarde, em 1966.

José Geraldo Marques: Até que de repente DuPont de Nemours vem pra cá e diz: "Agora eu quero!"

Évelin Argenta: De repente é, na verdade, cinco anos depois, em 1971. A DuPont é uma outra indústria química, americana, da qual você já deve ter ouvido falar. Talvez o nome "Nylon" te diga alguma coisa. Enfim, a DuPont – que, nessa época, anos 60, tava expandindo os negócios pelo mundo – viu naquela mina de sal-gema uma mina de ouro. E quis um pedacinho do negócio.

José Geraldo Marques: Eu não sei como foram as negociações com o Euvaldo Luz, mas a DuPont De Nemours assume a exploração da sal-gema, do minério sal-gema, e a implantação de uma fábrica de início de cadeia produtiva, que era a que deu origem a uma fábrica de cloro soda, que deu origem a Salgema Indústrias Químicas, S.A.

Évelin Argenta: Bom, a negociação se baseou no bom e velho poder do capital: em 1968, a Petrobras fez um estudo e descobriu que a reserva de sal-gema no subsolo de Maceió era bem maior do que se imaginava: era de meio bilhão de toneladas. O negócio era grande demais pro governo ficar de fora...

Então, em 1971, ele decidiu botar 170 milhões de dólares na mesa, através do BNDE – o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, que ainda nem tinha o S de "social" no final. O Euvaldo – o da oficina – viu que era muita grana pro bico dele, e vendeu as ações, que foram repassadas pra Petroquisa, uma subsidiária da Petrobras na indústria petroquímica. Em 1975, o controle da Salgema Indústrias Químicas passou a ser da DuPont e da Petroquisa – o mesmo ano que o Zé Geraldo Marques assumiu a Secretaria de Controle de Poluição do estado de Alagoas.

José Geraldo Marques: Bom, então, quando eu assumi a Secretaria de Controle da Poluição, a DuPont de Nemours vem para aqui pro estado e exige que a fábrica de cloro-soda seja implantada no Pontal da Barra. Então nós tomamos a decisão: "Pontal da Barra, não! Por tais, tais e tais motivos técnicos". Pontal da Barra é uma restinga! Maceió é uma cidade restinga! O local de implantação da fábrica – que até hoje tá implantada lá – era um local paisagisticamente e ecologicamente belíssimo e riquíssimo. Foi devastado. Mas devastado literalmente.

Évelin Argenta: O Pontal da Barra fica na parte sul de Maceió, numa faixa de terra entre o mar e a Lagoa Mundaú. É uma zona com um enorme potencial turístico, onde fica uma tradicional vila de pescadores e artesãos. Mas não é só isso. As restingas são ecossistemas muito frágeis.

Elas são uma transição entre o continente e o mar e, por isso, são uma barreira importante pra preservação dos mangues e das dunas. Se você mora numa cidade litorânea – e já presenciou uma ressaca violenta do mar – deve saber da importância dessa proteção, tanto pro ecossistema quanto pra própria cidade.

José Geraldo Marques: Um belo dia a gente soube na coordenação: "Olhe, estão derrubando as dunas do Tomix!" Eu não acreditei e não temos fiscalização e eu mesmo fui para poder constatar. Eu fiquei pasmo, inclusive, eu digo: "Essa gente é louca! Porque, se houver uma explosão nessa indústria, são essas dunas que têm o efeito de trincheira que vão proteger a cidade", não é? Então eu peguei minha arma, na época, mais importante, que era a máquina fotográfica. E chamei um técnico da Secretaria de Planejamento, meu amigo idôneo, para testemunhar. E rumamos para lá. Rapaz, quando eu cheguei, eu nunca pensei que a coisa pudesse ser tão rápida. Não existia mais duna sobre duna! O terreno estava com a terraplanagem feita, os coqueirais todos derrubados.

Évelin Argenta: Era nesse terreno que ia ser erguida a planta industrial da Salgema Indústrias Químicas – que hoje a gente conhece como Braskem. Quer dizer, desde o início a implantação do Pólo Cloroquímico foi toda errada. E, nesse momento, quando o Zé Geraldo viu as dunas no chão, ele entendeu que a motivação da vida dele era lutar contra a destruição daquela região. Contra mais destruição daquela região, né?

Só que essa não foi a única conclusão a que ele chegou quando viu as dunas destruídas... Foi aí que ele se deu conta que o cargo dele não tinha muito poder de decisão. Lembra? Ele era o equivalente a um secretário de meio ambiente de Maceió. Só que um secretário indicado por um governador da Arena. Que, por sua vez, tinha sido indicado por um ditador. Que, por sua vez, tava interessado na industrialização e não no meio ambiente.

José Geraldo Marques: Não havia fiscalização ambiental na época. Então, se não havia nada disso institucionalizado, é claro que a licença para implantação – que não se falava nesses termos "licença de implantação", "licença de funcionamento", – mas a licença de qualquer coisa, pra ela começar, tinha que passar por um órgão de meio ambiente. E o único órgão de meio ambiente do estado na época era o nosso. Era o que a gente coordenava. Então nós tomamos a decisão: se vier pra cá, nós não aprovamos, não concedemos a licença.

Évelin Argenta: O problema é que, segundo o Zé Geraldo, nunca nenhum pedido de licença chegou na mesa dele.

José Geraldo Marques: Não, nunca me chegou nada. Como não houve pedido de permissão oficial, também não houve negação oficial, não é?

Évelin Argenta: Se não tá negado... tá permitido. O Zé Geraldo tava lutando contra uma licença de implantação de um empreendimento que não tinha pedido licença pra ser implantado. Então, legalmente, ele não tinha muito o que fazer.

José Geraldo Marques: Mas como a gente tinha muito apoio da imprensa – eu chamava a imprensa do meu quinto Exército – nós tínhamos muito apoio da imprensa... Então eu digo assim: nós éramos um tigre de papel. Passávamos a ideia de que éramos uma grande equipe, formidável e tal. Mas na realidade, nós éramos apenas um tigre de papel.

Évelin Argenta: A imagem de um Tigre de Papel é bem literal, né? É uma expressão usada pra dizer que alguma coisa – ou alguém – parece super poderoso, ameaçador... quando, na verdade, não é. É um tigre... só que de papel, que não faz nada. E era realmente essa a sensação que o José Geraldo e a equipe dele tinham. Eles não podiam fazer nada. Mas eles tinham que fazer barulho. Como um tigre faz.

José Geraldo Marques: Então nós tínhamos tomado essa decisão e tínhamos exposto isso publicamente. Geramos vários documentos governamentais, vários deles, inclusive, não-confidenciais onde nós

insistíamos: "Olha, nós nunca fomos contra a exploração de sal-gema em Alagoas. Nunca".

Évelin Argenta: O que a equipe dele queria é que a planta da fábrica fosse pra longe do centro da cidade, pra minimizar impactos ambientais, e também pra deixar que aquela área – que é uma área com um potencial turístico e ambiental gigante – se desenvolvesse.

O Zé Geraldo chegou a sugerir que a planta industrial fosse instalada em outra área, fora da capital, longe da área de restinga e da Lagoa Mundaú. Longe de onde hoje são os bairros Pinheiro, Bom Parto, Mutange e Bebedouro. Justamente os bairros mais atingidos pelo afundamento do solo. E tinha espaço pra isso.

Aquele mesmo estudo da Petrobras de 1968 que constatou que tinha meio bilhão de toneladas de sal-gema debaixo de Maceió dizia que outros 20 bilhões de toneladas tavam numa reserva que ia de Rio Largo, na região metropolitana, até Barra de Santo Antônio, em direção ao norte do estado. Só que, quando ele sugeriu isso pros executivos americanos... ele ouviu quase uma profecia do que aconteceria 40 anos depois.

José Geraldo Marques: Eu sugeri “por que não mudar a indústria desse local?” E aí o técnico me respondeu assim: "Olha, é mais fácil mudar Maceió de lugar do que a Salgema". E mostrou que é mesmo, né? Quem avisa amigo não é.

Évelin Argenta: É mais fácil mudar Maceió de lugar.

Quando eu comecei a tentar entender o que é esse processo de extrair o sal-gema do solo, eu imaginava uma camada desse minério no meio da terra, como se lençol freático de sal-gema, que a Braskem ia lá e sugava... e isso deixava o solo instável. Porque era como se você pegasse um canudinho e sugasse o recheio de um bolo – as camadas de cima iam afundar.

Mas depois, eu entendi que os depósitos de sal-gema não eram planos, horizontais, uniformes que nem o recheio de um bolo. Eram uns bolsões aqui, outros ali... E, conforme a Braskem ia tirando minério desses depósitos, o solo ficava menos

parecido com um bolo sem recheio, e mais parecido com um queijo suíço – desses bem cheios de buracos. Só que ao contrário do queijo, o solo não foi feito pra se sustentar com aqueles buracos.

Então o compromisso da Braskem era preencher esses buracos depois de tirar o sal-gema. Substituir o sal-gema que eles tavam tirando do solo por um material de densidade parecida – terra misturada com óleo, enfim, algum rejeito da extração. Só que eles não fizeram isso.

Tirando alguns fungos e bactérias, ninguém mora na casca do queijo. Em cinco bairros de Maceió, numa área de 10 quilômetros quadrados, moravam 60 mil pessoas. Se fosse no Rio de Janeiro, essa área seria equivalente aos bairros de Copacabana, Ipanema e Leblon juntos. Se fosse em São Paulo, é como se o bairro inteiro de Pinheiros – e mais um pedaço do Alto de Pinheiros afundassem. Mas acho que isso não ia acontecer nesses bairros, né?

E mesmo que nem todos os buracos do queijo afundem ao mesmo tempo. Ou pra usar o termo técnico: mesmo que a subsidência tenha sido só de alguns centímetros em alguns locais... isso já é suficiente pra colocar em risco a estrutura de milhares de imóveis. Muitos deles começaram a rachar. Imagina um prédio de muitos andares rachado de cima a baixo? Ou uma casa? Ou uma padaria? Ou um hospital? Ou uma escola? Agora multiplica por 14 mil. É esse o tamanho da tragédia. E como é que milhares de pessoas moravam em cima desse queijo suíço e não sabiam disso?

Zé Geraldo Marques: Cada novidade de risco que nós tínhamos, nós levávamos às instâncias governamentais decisórias.

Évelin Argenta: Aqui de novo o Zé Geraldo Marques.

Zé Geraldo Marques: Se elas não tomavam nenhuma providência, então nós abríamos empurrávamos para a imprensa. Então ficava uma coisa socialmente visível que nós estávamos impedindo. Eu tinha acabado de publicar um trabalho. Esse trabalho está publicado na revista científica oficial da UFAL, onde eu tinha listado o potencial de cada substância do que estava oficialmente previsto para ser implantado. "Olhe, tal indústria que já está

candidata é adiantada, produz tal coisa, tal coisa, tal coisa e tal coisa. Tal coisa causa câncer disso, disso, disso, disso, disso". Pronto, entendeu?

Évelin Argenta: Quando o Zé Geraldo começou a alertar sobre os problemas da implantação do pólo cloroquímico lá em 1975, o risco de subsidência – desse colapso do solo – ainda não era tão conhecido. Tava tudo muito no começo, porque a indústria mesmo começou a funcionar só em 1977. Mas os estudos do Zé Geraldo mostravam que outros problemas já eram bem evidentes. E foi por aí, por esses problemas, que os tigres de papel começaram a fazer barulho

José Geraldo Marques: Vocês podem pegar o fluxograma da Braskem. Quando eu vi o fluxograma da Braskem, então eu vi que na tecnologia que eles iam empregar, havia dois grandes impactos previsíveis de poluição. Qual era o primeiro deles, que nós terminamos conseguindo ganhar? Eles iam lançar mercúrio em cima de um banco de camarões, ali onde hoje tem aquele cais, não é? Então nós exigimos que fosse implantada a melhor tecnologia disponível na época. E ganhamos.

Évelin Argenta: Lançar mercúrio em cima de um banco de camarões - numa zona pesqueira, lembra? Era contaminação garantida dos camarões e de outras espécies, tipo os mariscos – que são a principal fonte de renda das mulheres marisqueiras que moram por lá e que, claro, são comida. Comida de gente. Bom, mas essa primeira batalha o Zé Geraldo e os tigres de papel venceram.

José Geraldo Marques: Esse pecado eles não têm. Eles nunca lançaram o mercúrio em cima de bancos de camarões.

Évelin Argenta: Só que a lista de acidentes previsíveis não acabava por aí.

José Geraldo Marques: Mas outro problema de poluição que está no fluxograma – pode pegar no fluxograma! – até hoje... a indústria de cloro soda não tem como evitar, por mais bem intencionada que ela seja, são as emanações fugitivas na própria produção. No processo, inevitavelmente, ocorrem emanações de cloro. Ocorreram ao longo desses anos. Todos vocês sabem que nós tivemos problemas no Pontal e em tudo mais.

Évelin Argenta: O Zé Geraldo tá falando "todos vocês sabem" pro Guilherme César e pro Octávio Lemos, que são alagoanos. Se você, como eu, também não é de lá, e também não acompanhou esses problemas no Pontal, eu explico: foram alguns problemas, mas o mais grave aconteceu em 2011, quando uma quantidade grande de cloro escapou no Pontal da Barra.

A gente tá falando de uma fumaça tóxica, que vazou por 37 minutos. 152 pessoas precisaram de atendimento médico. Mas isso aconteceu em 2011. Os alertas do José Geraldo vêm desde o final dos anos 70. E esses alertas, a movimentação da imprensa... claro que tudo isso incomodava muita gente. E olha que naquela época ele ainda nem tinha começado a falar do risco de colapso do solo.

José Geraldo Marques: Quando a gente estava quase esgotando – isso ainda na coordenação do meio ambiente – quase esgotando as nossas possibilidades, foi que eu descobri porque muitos cientistas e técnicos amigos nossos passaram a colaborar conosco anonimamente e nos fornecer dados preciosos. Dentre eles, um geólogo extremamente competente. Ele nos passou os estudos dele e nesses estudos ele previa que se não fossem tomados os devidos cuidados, haveria subsidência. E eu comuniquei isso imediatamente que havia risco de subsidência. E nós apresentamos qual seria uma possível mitigação. Então, uma possível mitigação seria monitorar constantemente as minas, coisa que dizem que está sendo feita, que foi feita agora. Mas isso tinha que ser feito no início, e acompanhada pelo órgão do meio ambiente.

Évelin Argenta: Lembrando que o Zé Geraldo era o órgão do meio ambiente nessa época, o secretário de Controle de Poluição.

José Geraldo Marques: Enquanto eu estive no órgão de meio ambiente, a gente cobrava os relatórios. Mas podem investigar. Depois que eu saí, a Salgema nunca encaminhou relatórios para órgão de meio ambiente daqui do estado.

Évelin Argenta: Que nem a Cassandra, em Troia, o Zé Geraldo soava o alerta em Maceió. Só que os alertas do Zé Geraldo não eram fruto de premonição. Eram baseados em estudos científicos. E ele não foi "só" ignorado.

José Geraldo Marques: Então começaram as pressões, tá? Mas vocês não imaginam como são essas pressões.

Évelin Argenta: Assim que os estudos começaram a ser publicados na imprensa, o Zé Geraldo virou persona non grata entre os interessados em erguer o pólo cloroquímico. E começou um movimento de ataque a ele.

José Geraldo Marques: Porque, no final, eles tinham conseguido gerar uma situação em que eu estava emocionalmente perturbado de tanta pressão, estava fisicamente. Era o que eu hoje chamo de síndrome de burnout. E, sobretudo, a espalhar calúnias, inclusive pela imprensa. E aí conseguiram fazer com que parte da equipe da coordenação do meio ambiente se voltasse contra mim. Então você imagina agora a pressão externa e a pressão interna, que é a que dói mais. É o que inclusive é chamado de assassinato moral, não é? É um padrão. A gente sabe que existe e funciona, não é?

Évelin Argenta: Os ataques à reputação do Zé Geraldo começaram internamente, enquanto ele ainda era secretário, a ponto dele perder a confiança da própria equipe, de ser chamado de "incompetente" por colegas em reuniões de trabalho. Mas, desde que ele tinha decidido seguir os passos do Darwin, o Zé Geraldo sabia que ele ia passar por umas boas provocações. Ele tava apaziguado já com a ideia de ser questionado, difamado. Só que ele não tava preparado pro que veio depois: um tipo de perseguição bem característica das nossas terras.

José Geraldo Marques: Aí uma das acusações que me fizeram – acusações, vejam só – para mim é elogio. É que eu não podia continuar porque eu era macumbeiro.

Évelin Argenta: Tamo falando aqui de 1978 e de todo o preconceito que se tinha – e que se tem – com religiões de matriz africana. Só que até nesse ataque, o que

eles tavam querendo colocar em xeque era a credibilidade de cientista do Zé Geraldo.

José Geraldo Marques: Isso pegou, tá? Na época eu começava já minhas pesquisas em terreiros de candomblé. São pesquisas em etnobotânica que eu fiz durante muito tempo e constatei o que vários outros vinham constatando: as religiões afro brasileiras que aqui no Brasil dependem imensamente de plantas. Então eu resolvi que nós íamos implantar aqui um jardim etnobotânico.

Évelin Argenta: Não que a fé dele fizesse diferença na qualidade do trabalho dele, mas o interesse do Zé Geraldo na sabedoria dos terreiros também era científico. Ele queria estudar as plantas, saber dos efeitos e ajudar na conservação dessas espécies.

José Geraldo Marques: O candomblé tem uma máxima que eles dizem: “Sem folha, sem ewé, não tem axé”. Então, privá-los disso é privá-los de todo o seu culto religioso. Aí eu passei a receber no meu escritório um pai de santo, que era o Cícero, extremamente competente para entrevistá-lo sobre o uso de plantas. E fizeram uma pergunta tão idiota. Na pressão, o movimento da pressão e desmoralização: “Você não sabe que o Cícero se veste de mulher?”. Eu digo: “Sei que eu já fui no terreiro dele e fui para as festas de Pomba Gira. E quando Cícero recebe Pomba Gira, ele pede logo flor, vestido, salto alto”. Pra que?

Évelin Argenta: Pois é... pra quê? Só que não pegou muito bem. E as ameaças escalaram rápido. E de um jeito bem sério.

José Geraldo Marques: Olhe, eles geralmente telefonavam. Não existia celular na época. Eu me lembro de um telefonema, porque esse me marcou muito, porque foi assim, foi insistente: "Rapaz, você está querendo mesmo virar Tiradentes, é?"

Évelin Argenta: Tiradentes. Enforcado e esquartejado. Aos poucos, tudo que o Zé Geraldo falava era encoberto por uma espécie de manto de descrédito. Tipo, ser chamado de incompetente: descredibiliza ele dentro da própria equipe.

Ser chamado de "macumbeiro": usar o racismo religioso pra questionar o conhecimento científico dele.

Receber um telefonema anônimo: bom, aí a parada começa a colocar em risco a integridade física do Zé Geraldo. Já tava bem claro que esses ataques não eram coincidência, né? Que tinha alguma estratégia nisso tudo.

José Geraldo Marques: Por fim, apareceram métodos concretos, duas vezes envolvendo um revólver. Uma delas, o secretário um secretário, me chamou ao gabinete dele pra conversar. Era meu amigo, inclusive. A gente tinha estudado junto. Então ele me chamou para conversar. Conversa vai, conversa vem, entra a questão do pólo cloroquímico. Aí ele abre a pasta dele e está o revólver que está dentro. Então eu disse: "Vade retro, Satanás!" Entende? Precisa dizer mais nada...

Évelin Argenta: Nem precisava dizer mais nada... Mas é que teve mais coisa.

José Geraldo Marques: A outra foi um guarda terceirizado que prestava vigilância na sede da Coordenação do Meio Ambiente. Eu estava na biblioteca do primeiro andar, atrás, nos fundos. Ele subiu, entrou, pegou o revólver e começou a brincar com o revólver.

Évelin Argenta: Imagina? Você sozinho numa biblioteca e uma pessoa passando por você, brincando, assim, como quem não quer nada... com um revólver. Bem, recado dado. Recado entendido.

José Geraldo Marques: Pronto. Agora eu não dei o prazer de ser exonerado, não. Eu, quando senti, soube – meu serviço de inteligência me comunicou – "Olha, ontem houve uma reunião no palácio para lhe defenestrar". Então, no dia seguinte eu apenas escrevi rapidinho um papel e mandei comunicar à instância superior que a partir daquela data eu não tinha mais nenhuma responsabilidade pelo órgão governamental do Estado de Alagoas. Pronto.

Évelin Argenta: Em 1978, três anos depois de ter entrado no governo de Alagoas pra implantar um pólo ecológico, o José Geraldo Marques saiu da secretaria expulso pelo pólo cloroquímico. Mas ele não tinha muita escolha. Não tinha como ele permanecer à frente da secretaria só sendo um tigre de papel. E ele não saiu só da secretaria. Ele saiu de Alagoas. E só voltou pra Maceió em 1980.

José Geraldo Marques: Aí, em 1980, eu fiz aquele novo concurso pra entrar na universidade.

Évelin Argenta: A experiência na Universidade Federal de Alagoas aproximou ainda mais o professor Zé Geraldo dos movimentos de defesa do meio ambiente e dos movimentos estudantis.

Desde o início da implantação da Salgema - que hoje é Braskem - eles lideraram os protestos nas ruas, incluindo o grande protesto de 1985, quando a empresa disse que iria duplicar a produção – duplicando, portanto, os riscos. Foi nessa época que ele conheceu a mãe do Octávio Lemos – nas manifestações contra a duplicação da produção.

Octávio Lemos: A minha mãe falou do Zé Geraldo a primeira vez, que ela foi aluna do Zé Geraldo. Ela fez geografia na UFAL e foi aluna dele. E eu me lembro o dia que eu fui lá na casa dele. Ele ainda morava no Pinheiro. Eu fiquei apaixonado pela paixão dele, sobretudo, e sobre a relação dele com a vida, com a natureza. E aí eu decidi que aquele ali ia ser um dos fios condutores dessa história, porque foi ele que, na época, bateu o pé e disse: "Olha, eu não vou deixar a Braskem se plantar aqui, só por cima do meu cadáver". E quase foi, né. Ele foi ameaçado, não liberou o laudo de implantação perseguido pela ditadura também. Eu tenho os registros dele no SNI.

Évelin Argenta: SNI, o Sistema Nacional de Informações. O órgão de espionagem da ditadura militar.

“José Geraldo Wanderley Marques. Profissão: professor, veterinário. Data de nascimento tal, título de eleitor tal, endereço tal. Entre 66 e 67 comandou uma

comissão para a invasão da Universidade Federal de Pernambuco, onde foi preso. Dirigiu com outros esquerdistas a invasão da Universidade Rural. Pichou paredes. Promoveu greves de caráter subversivo. Tendência comunista. Com uma oratória destrutiva e perniciosa”.

José Geraldo Marques: São cinco folhas de mentiras! Tinham algumas coisas verdadeiras, totalmente deturpadas: que eu tinha sido preso na Universidade Rural. Que eu tinha financiado o Partido Comunista. Digo, gente... eu que precisava que o Partido Comunista me financiasse! [risos]

Évelin Argenta: O Zé Geraldo foi ameaçado, perseguido, fichado no SNI... mas nada disso chegou perto do impacto de ver a própria casa destruída.

José Geraldo Marques: Mas recentemente, acho que vocês sabem que eu perdi a casa do Pinheiro. Então eu resolvi, pra proteger minha família principalmente, me tornar um refugiado ambiental. Então eu deixei a casa e nós migramos. Somos refugiados ambientais. A Braskem nos fez uma proposta, muito aquém do valor da casa, mas foi o que o nosso advogado aconselhou: "Peguem. Peguem, porque se não pegar agora vai rolar na justiça. Dez anos? Quinze anos? Ninguém sabe". Então nós pegamos. Nós tivemos realmente a nossa casa entregue compulsoriamente, né, porque é compulsoriamente, à Braskem. Casa e terreno hoje são da Braskem. E a minha biblioteca, com meu arquivo, com tudo, foi depredada, não restou pedra sobre pedra. Restaram documentos rasgados e alguns livros. Mas olha, eu ainda estou tão traumatizado que eu não tive coragem de conferir o que é que salvou-se ou não.

Évelin Argenta: Na mitologia grega, depois de ter a premonição ignorada, a Cassandra é levada de Troia pelos gregos, como despojo de guerra. E, assim como a Cassandra, o Zé Geraldo, de certa forma, previu o próprio destino. A casa onde ele morou durante 40 anos - pra onde ele levou a mulher depois do casamento, onde ele criou os filhos, onde ele passou os natais, onde ele construiu a própria biblioteca... Essa casa não existe mais. Ela tá lá, mas tá fechada. Lacrada. Vendida pra empresa que ele denunciou a vida toda. E provavelmente vai ser demolida.

Paulo Accioly: Então você imagina do dia para a noite descobrir que tem que mudar de casa. Uma casa que você morou 40 anos ou uma casa que você passou 30 pagando. Uma casa que seu pai construiu, deixou para você... e você tem que sair amanhã ou daqui a uma semana, daqui um mês.

Évelin Argenta: Esse que tá falando agora é o Paulo Accioly. Ele é engenheiro ambiental e também precisou abandonar a casa dele por causa do desastre provocado pela Braskem.

O Paulo foi outra pessoa que eu encontrei em Maceió em 2022, quando eu tava tentando entender essa história toda. E, naquela altura, eu procurei ele menos por causa dessa experiência como engenheiro, e mais por causa de um trabalho artístico super importante que ele fez em 2020.

Paulo Accioly: Eu, resumidamente, entrevistava as pessoas que tavam saindo das suas casas, fotografava elas e colava fotos delas em tamanho real no muro da casa.

Évelin Argenta: Lembra daquela foto enorme que tinha me chamado a atenção quando eu visitei a padaria do Dirceu, no começo dessa história? Pois a foto é obra do Paulo. Você pode ver essa e outras fotos do Paulo no post desse episódio, no site da Rádio Novelo.

Paulo Accioly: Você imagina que era uma foto em preto e branco, tamanho real, duma família que posa séria e meio triste no muro de uma casa que está se deteriorando. É uma imagem que chama atenção. E aí acho que eu consegui, muito inconscientemente, chamar a atenção das pessoas nesse visual e elas começavam a ler o que tinha acontecido e falavam: "Caramba, eu moro no bairro do lado, não sabia disso." Ou senão: "Caramba, essa mulher era a professora do meu filho. Como é que isso? Como é que eu não sabia disso?"

Évelin Argenta: O Paulo fotografou as casas sendo desocupadas pelos moradores durante três meses em 2020, num projeto com um nome que me deixa com um nó na garganta só de falar: "A Gente Foi Feliz Aqui".

Paulo Accioly: Eu entrevistei várias pessoas. Quase todos que entrevistei saíam da sua casa naquele dia. Teve a senhora que ela morou 46 anos, 47 anos, na casa dela. E eu fotografei e coleí ela no dia que era o último dia dela na casa dela. E ela conta que o marido arranhou outra casinha e eles foram ver a casinha e ela botou o pé pra dentro da casa, começou a chorar e disse: "Não é meu lugar, não é minha casa". Aí não conseguiu entrar na casa.

Évelin Argenta: Quando o Paulo começou o projeto, mesmo tendo se passado dois anos do tremor de terra, pouco se falava do caso Braskem na imprensa nacional - até dentro de Maceió se falava pouco.

Paulo Accioly: Então, naquele momento, as pessoas estavam também muito "caramba, o que está acontecendo?" Porque às vezes as pessoas realmente não sabiam, porque não tinham acesso a alguma informação, porque a mídia não falava. Os jornais não falavam. Era a gente pela gente. Mas se você vai conversar com alguém que morava... tipo essa senhora que foi a última noite que ela estava morando lá na casa dela, que a gente colou e tal. Ela falou: "Ó, Paulo, aquele meu vizinho ali pulou da janela. Aquele ali morreu do coração. Aquela ali ninguém sabe como é que foi, mas tá doidinha, doidinha. Aquele ali, depressão profunda, não sai de casa faz um ano." Isso não é uma consequência? Caramba, como é que ninguém fala disso?

Évelin Argenta: Como é que ninguém fala disso? Tudo bem que, em 2020, o mundo tava passando por uma pandemia que ocupou todos os noticiários. Mas o Paulo acha que outro fator contribuiu muito pra esse silêncio.

Paulo Accioly: Eu não sei se a propaganda teria sido muito bem feita. Não sei se as pessoas simplesmente não se interessam. E aí eu acho que foi um somatório de informação de tudo, uma propaganda muito bem feita, porque a propaganda deles é perfeita! Se liga a TV, vai aparecer, é muito bem feito, é muito bonito. Eles explicam o que está acontecendo.

Évelin Argenta: A Braskem foi durante muitos anos uma das maiores patrocinadoras de veículos de imprensa em Alagoas. Até pouco tempo atrás ela

promovia um tradicional prêmio de jornalismo no estado. Talvez você já não lembre, mas, agora, em 2023, ela patrocinou o Big Brother Brasil e o The Town, aquele festival de música.

Eles distribuíram copos reutilizáveis - pra minimizar, olha só, o impacto ambiental. Afinal, é sempre bom pensar no meio ambiente, né? E pra não ficar só no entretenimento, a Braskem também foi uma grande doadora de campanhas políticas. Entre 2004 e 2014, ela doou mais de 2 milhões de reais a políticos do estado. Um dos que mais recebeu – 320 mil reais – foi o ex-governador Renan Filho, que governou Alagoas entre 2015 e 2022, portanto, durante a tragédia. Ah, o Renan Filho – que hoje é ministro dos Transportes – é filho do senador Renan Calheiros, que protocolou uma CPI no Senado pra investigar... a Braskem. Ê, Brasília!

E talvez, por causa desse bololô todo, as notícias sobre o "desastre anunciado" em Maceió só tenham chegado com a devida importância ao resto do país agora, no final de 2023, quando mais uma mina colapsou e colocou em perigo o ecossistema da Lagoa Mundaú e a subsistência de pescadores e marisqueiras que dependem dela. Isso sem falar das pessoas forçadas a sair de casa, né? Só que essa história tá longe de acabar. Mas muito longe. Além de todo o dano ambiental e da destruição de parte da cidade, existem os prejuízos de 60 mil pessoas.

Paulo Accioly: Por exemplo, a minha família recebeu uma indenização específica de mudança. Como a gente era inquilino, não era proprietário. E aí, por exemplo, quem morava nos barrancos no Mutange, por exemplo, que é um bairro mais humilde, ou no próprio Pinheiro, na região mais periférica do bairro, eles pagaram na época 80 mil reais por barraco, que é um valor muito acima do que se compra de um barraco. Só que quando você começa a ir para as casas, bizarro, você tinha a casa de meio milhão de reais sendo avaliada por 80 mil, casa de 1 milhão sendo avaliada por 100 mil. E aquela coisa: não aceita, vão para justiça para receber daqui só Deus sabe quando.

Évelin Argenta: A Braskem nunca admitiu a responsabilidade pelo colapso das minas e, quando que fala do assunto, usa o termo "evento geológico". Só em 2019, um ano depois do tremor – e depois que um laudo do Serviço Geológico do Brasil provou a relação direta entre a mineração de sal-gema e a subsidência do terreno –

é que a empresa assinou um acordo se comprometendo a arcar com os custos da mudança das pessoas. E, detalhe: nesse acordo tem uma cláusula que diz que a Braskem deve ser ressarcida – sim, receber o dinheiro de volta – se, no futuro, ficar provado que ela não foi a causadora do desastre. É como se ela dissesse: "Olha, a gente não tem culpa pelo aconteceu, mas vai ajudar com as despesas. Só que se a culpa não for nossa, a gente quer o nosso dinheiro de volta, tá?"

José Geraldo Marques: O que aconteceu foi um crime ambiental, facilmente tipificável como crime ambiental. Onde há crime, há criminosos. E você não tem nenhum criminoso aparecido.

Évelin Argenta: Aqui, de novo, o José Geraldo Marques.

José Geraldo Marques: Pra mim, o grande problema jurídico é que a Braskem nunca se tornou ré. Na justiça, ela tem a ficha limpa, um acordo. Então, no acordo, olha, ela é muito boazinha. Assumiu uma parte porque é boa, mas nunca foi ré. Então, oficialmente ela não tem culpa nenhuma, não é? Mas onde há crime, há culpados. É óbvio que existem culpados diretos, existem culpados indiretos e existem culpados por omissão, ou por conforto.

Évelin Argenta: Quando o Zé Geraldo fala de culpados diretos, indiretos, por omissão ou por conforto, ele tá falando do fato de que a Braskem deveria ter sido fiscalizada e monitorada pelo governo estadual, com o Instituto de Meio Ambiente de Alagoas, e pelo governo federal, com a Agência Nacional de Mineração. E, das duas uma: ou isso nunca aconteceu, ou aconteceu do jeito errado. Esse tipo de falha – ou conivência, mesmo – do poder público faz a gente lembrar de outros dois grandes desastres relacionados à mineração que aconteceram no Brasil: a tragédia de Mariana, em 2015, e a tragédia de Brumadinho, em 2019. O caso de Maceió tá nessa lista, e – de novo – já é considerado a maior tragédia socioambiental urbana do planeta.

Prova disso é que já existe um processo internacional contra a Braskem.

No Brasil, tem um inquérito da Polícia Federal investigando o caso desde 2019.

Só que quatro anos depois, não se sabe nada, mesmo. O inquérito segue sob sigilo, e nem os advogados das vítimas têm acesso às informações.

Agora: independentemente do que vai acontecer na denúncia da PF ou no processo internacional, tem uma coisa que não muda no futuro: a Braskem vai continuar sendo dona de cinco bairros, 10 quilômetros quadrados, parte considerável de uma cidade. Da área central de uma capital de um estado do nordeste com um enorme potencial turístico.

Guilherme César: Esses bairros que se tornaram propriedade da Braskem, com seus acordos individuais e tudo o mais, eles são bairros totalmente isolados, com isolamento de tapumes etc e tal. Com empresas de segurança privada armadas, fortemente armadas, onde a gente tem uma limitação física de chegar.

Évelin Argenta: Esse é de novo o Guilherme César, que tá fazendo o documentário "Histórias do Subsolo" com o Octávio Lemos. O Guilherme confirmou uma impressão que eu tive lá em 2022, quando eu visitei os bairros de Maceió que tão afundando: ninguém circula por lá. Primeiro, porque são só ruínas, né, uma cidade fantasma. E, segundo, porque a Braskem faz questão de deixar bem claro que aquela área tem dono.

Guilherme César: Alguns desses bairros, quando você chega no lugar, tem alguns lugares que disparam alarme, já vem escolta de duas, três, quatro motos com profissionais de segurança privada armados que te tiram dali. Então o que tá acontecendo é que essa grande área da cidade onde a Braskem foi comprando e recomprando com as indenizações, né? Nós não temos acesso público. Agora, é isso. A gente vai viver, está vivendo sob essa sombra de uma parte da cidade distópica e sempre à espreita de um novo colapso.

Évelin Argenta: Essa ideia de cidade distópica, com as ruas vazias e destruídas, acaba não se restringindo só à área onde as casas foram desocupadas e compradas pela Braskem. Muitos bairros próximos – que não tão dentro da área de risco – acabam sendo sufocados também, porque não têm mais transporte público, é difícil de chegar, as ruas foram interditadas, a clientela dos comércios diminuiu, muita coisa fechou, a insegurança aumentou porque a circulação das pessoas não é a mesma. E pra completar o cenário apocalíptico, até um cemitério foi interditado. O

resultado é que outros cemitérios públicos tão ficando superlotados, e tendo que enterrar as pessoas em covas rasas. Tá proibido morrer com dignidade. Qual o preço disso tudo? Dá pra pôr um preço nisso tudo? No Brasil distópico – ou melhor, real – dá.

No dia 29 de novembro de 2023, no mesmo dia que Maceió inteira entrou em estado de emergência por causa do risco de um novo colapso, as ações da Braskem tavam subindo 2,5%. Um dia antes, um banco internacional tinha aumentado a recomendação de venda das ações da empresa. É que a maior acionista da Braskem é a Novonor – a antiga Odebrecht – que tá afundada em dívidas.

Eu sei que a palavra "afundada" pode parecer uma piada de mau gosto, mas não é. É só pra mostrar como alguns afundamentos viram notícias com mais facilidade. Então... a Novonor tá tentando vender a parte dela da Braskem desde 2021. E sabe quem tá bem interessada em comprar as ações pra tirar ela do buraco? A Petrobrás – cujo o sócio majoritário é o Governo Federal. E aí, quem pode assumir as dívidas e os processos nacionais e internacionais do caso é... o Governo Federal.

José Geraldo Marques: Agora você me explique: nesses anos de Salgema/Braskem, em que que o estado de Alagoas ficou menos pobre? E ficou menos pobre por causa da Salgema e da Braskem? Que já entraram de sola, acabando com uma restinga e levando o bairro do Trapiche da Barra para desvalorização imediata? E pra uma vizinhança perigosa como Pontal da Barra? Tá entendendo? Então não é contra o desenvolvimento. A pergunta é: que tipo de desenvolvimento?

Évelin Argenta: O desenvolvimento, que era pra ser um presente pra população de Maceió - e de Alagoas -, virou uma tragédia com danos que ainda podem crescer. Um verdadeiro Cavalo de Troia. Aquele sobre o qual a Cassandra - e o Zé Geraldo - alertaram: "Ei, gente, não coloca no meio da nossa cidade, não. É cilada". Mas ninguém ouviu nem a Cassandra, nem o Zé Geraldo. E colocaram o Cavalo de Troia num lugar de destaque. Troia caiu. E Maceió tá caindo aos poucos. Na nossa frente.

Branca Vianna: Essa foi a Évelin Argenta, produtora sênior da Rádio Novelo.

E essa história foi coproduzida com a Caranto Media.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site tem algumas das fotos que o Paulo Accioly tirou das famílias removidas em Maceió. Também tem um link pro portal do projeto do Guilherme César e do Octávio Lemos, o “Histórias do Subsolo”.

Se você tem alguma ideia de história que acha que podia ser contada aqui no Rádio Novelo Apresenta, vai lá numa seção do nosso site chamada "envie uma pauta". Lá tem passo a passo de como mandar a sugestão pra cá.

Os episódios do Rádio Novelo Apresenta estão disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

E não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitter e no Instagram, no @radionovelo, e marcar a gente sempre que for recomendar ou comentar algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Quem fez a montagem foi a Mariana Leão.

Nesse episódio, a gente usou música original do Pedro Nêgo, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças essa semana foi feita pela Natasha Gompers.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.